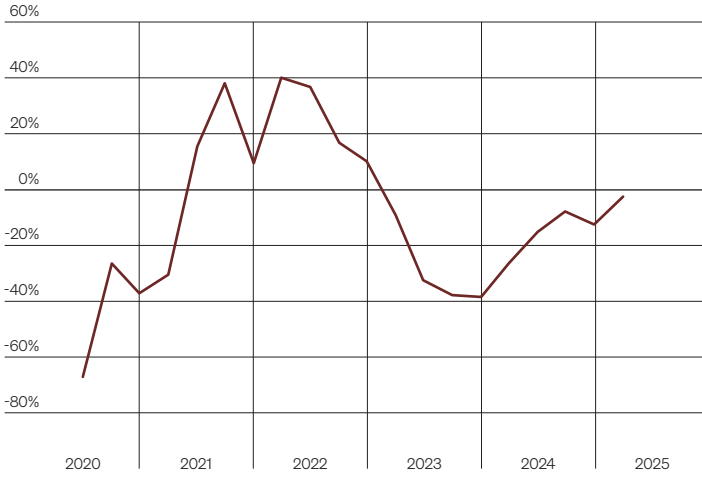


ANÁLISE TRIMESTRAL DE CONJUNTURA À INDÚSTRIA DE CALÇADO : 1º TRIMESTRE 2025

No primeiro trimestre de 2025, a conjuntura da indústria portuguesa de calçado evoluiu favoravelmente, com a maioria dos indicadores a melhorarem embora, em muitos casos, ainda sem atingirem níveis positivos. Assim aconteceu, nomeadamente, com a produção, utilização da capacidade produtiva, encomendas, emprego e com a avaliação global do estado dos negócios. Na maioria dos casos, as empresas de maior dimensão fazem uma avaliação mais favorável da situação, o que implica que a situação global da indústria seja melhor do que a contagem das opiniões individuais das empresas sugere.

Como habitualmente, as limitações à produção e vendas são lideradas pela insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, mas com um número de referências inferior ao de trimestres anteriores. O abastecimento e preço das matérias-primas é a segunda preocupação mais mencionada.

As perspetivas para o segundo trimestre de 2025 indicam uma estabilização na produção e nas encomendas, com uma ligeira melhoria nas expectativas de preços de venda. O estado global dos negócios não se deverá alterar significativamente face ao observado no primeiro trimestre.



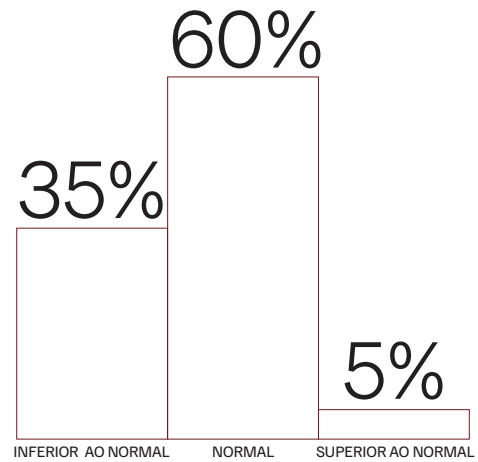
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

PRODUÇÃO

No primeiro trimestre de 2025, prosseguiu a tendência de melhoria gradual da conjuntura que vem do início do ano anterior, atingindo-se uma aparente estabilização da produção da indústria portuguesa de calçado. Embora as empresas que declararam ter aumentado a produção sejam ligeiramente menos do que as que indicaram uma diminuição (saldo de respostas extremas de -3 pontos percentuais), passou-se o oposto entre as empresas de grande dimensão. Além disso, quase metade dos inquiridos (45%) afirmou explicitamente que a sua produção estabilizou.

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

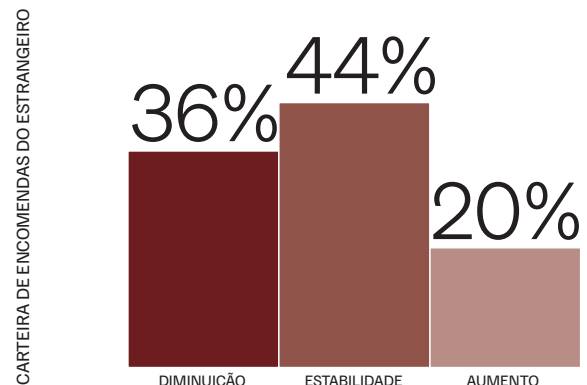
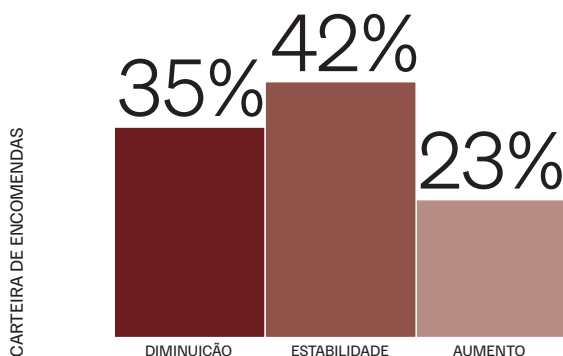
Uma larga maioria (60%) das empresas considera que, no primeiro trimestre, o nível de utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. Entre as empresas de grande e muito grande dimensão, esta percentagem ultrapassa mesmo os dois terços. No entanto, as empresas que entendem que a utilização da capacidade está abaixo do normal excedem as que declaram que está acima, sendo este saldo particularmente negativo entre as empresas de menor dimensão.



CARTEIRA DE ENCOMENDAS

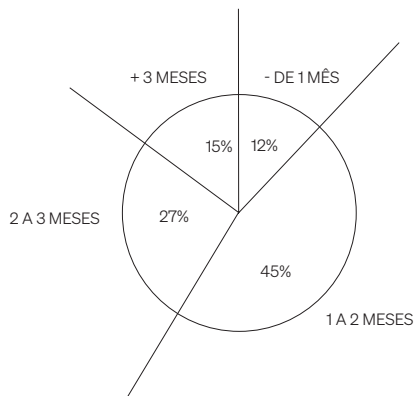
O saldo de resposta extremas relativo à evolução da carteira global de encomendas continuou também a melhorar, mas permanece negativo (-12 p.p.), embora a resposta mais frequente (42%) seja no sentido da estabilidade. Também neste aspeto, as respostas são tanto mais favoráveis quanto maior a dimensão das empresas. As empresas exclusivamente exportadoras fazem uma apreciação mais positiva da situação, com um saldo de +11 p.p.

Dada a forte vocação exportadora da indústria, não surpreende que as respostas relativas à carteira de encomendas do estrangeiro sejam semelhantes: 44% dos inquiridos afirmam que, no primeiro trimestre, a sua carteira estabilizou, mas os que registaram uma diminuição excedem em 16 p.p. os que conseguiram um aumento. Como acontece para a carteira global, as respostas são tanto mais favoráveis quanto maior a dimensão das empresas.



HORIZONTE

A melhoria é evidente no tempo de produção assegurado pela carteira de encomendas: a percentagem de empresas que dizem ter encomendas para menos de um mês de atividade caiu para 12%, o nível mais baixo dos últimos três anos. Em contrapartida, aumentou consideravelmente a percentagem das que afirmam que têm a produção assegurada para 1 a 2 meses de atividade, que são agora 46%. 15% dos inquiridos, todos eles dedicados predominantemente à exportação, dizem mesmo ter a atividade assegurada para mais de três meses.

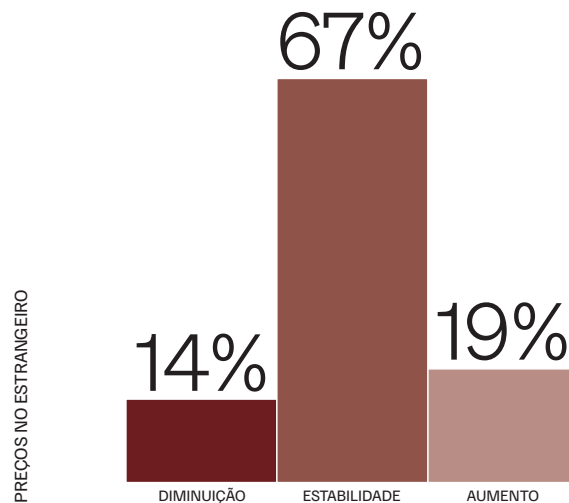
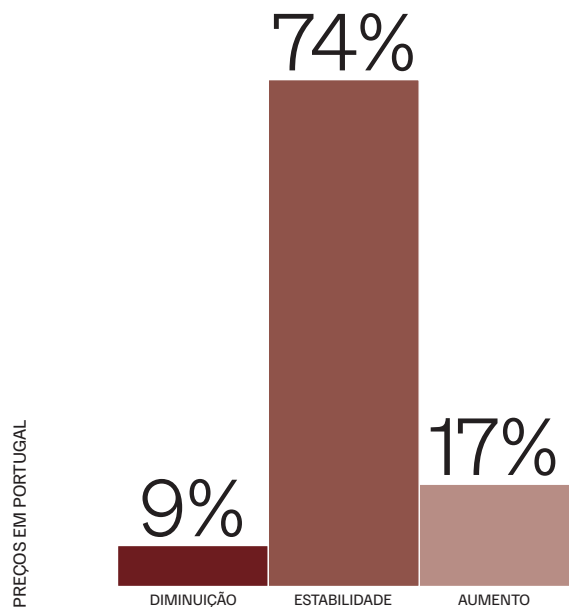


PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS

PREÇOS

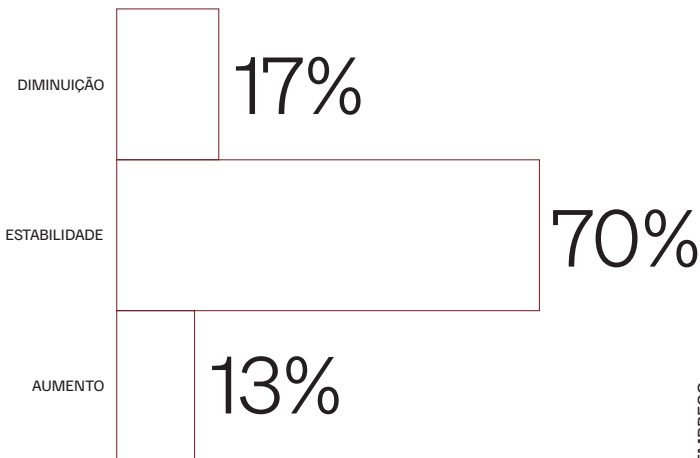
As empresas que consideram que, no primeiro trimestre de 2025, os preços do calçado aumentaram excedem as que dizem o contrário, sendo o saldo de respostas extremas um pouco mais elevado no que respeita ao mercado português (+8 p.p.) do que aos mercados internacionais (+5 p.p.).

No entanto, em ambos os casos, a larga maioria das empresas não sentiram nenhuma variação significativa nos preços.



PESSOAS AO SERVIÇO

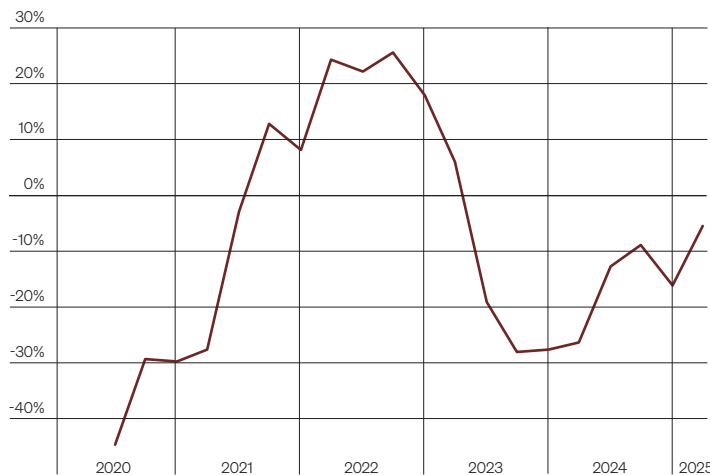
Embora permaneça negativo (-4 p.p.), o saldo de respostas extremas relativo à evolução do emprego registou uma acentuada melhoria face ao trimestre anterior, em que foi de -18 p.p., refletindo a melhoria gradual da conjuntura. O facto de este saldo ser acentuadamente positivo entre as grandes (+28 p.p.) e muito grandes (+33 p.p.) empresas sugere que, globalmente, o nível de emprego na indústria de calçado deverá ter estabilizado ou até aumentado.



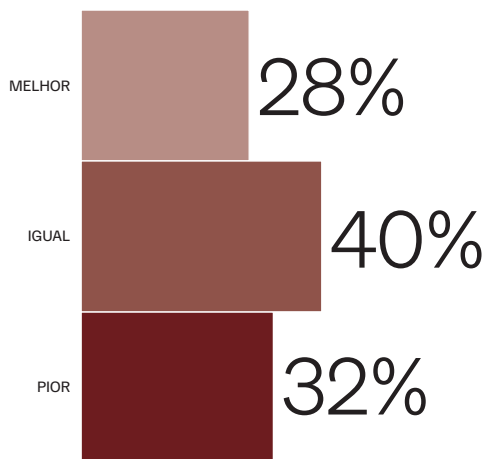
EMPREGO

ESTADO DOS NEGÓCIOS

O estado atual dos negócios é considerado suficiente pela maioria das empresas inquiridas (51%). Tal como aconteceu relativamente às perguntas já analisadas, o saldo entre respostas positivas e negativas prosseguiu a tendência de melhoria que vem desde o início de 2024, mas mantém-se negativo (-7 p.p.) para o conjunto da amostra.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

As tendências são semelhantes quando se pede às empresas que comparem o primeiro trimestre de 2025 com o período homólogo do ano anterior. O saldo de respostas extremas melhorou pelo sexto trimestre consecutivo, mas mantém-se ligeiramente negativo (-4 p.p.). A resposta mais frequente (40%) é que o estado dos negócios se mantém igual.

Tal como no trimestre anterior, a apreciação do estado dos negócios é tanto mais favorável quanto maior a dimensão das empresas: o saldo de respostas extremas é positivo para as empresas com mais de 100 trabalhadores e negativo para as que ficam aquém desse limiar. Além disso, este saldo é também positivo para as empresas totalmente exportadoras, sendo negativo em todas as outras.

O panorama é análogo quando se fala da comparação do atual estado dos negócios com o registado um ano antes: o saldo de respostas extremas varia entre -17 p.p. para as pequenas empresas e +67 p.p. para as muito grandes. Numa análise por orientação de mercado, as empresas que vendem predominantemente para o mercado nacional são as únicas que apresentam s.r.e. negativo (-27 p.p.). Nos restantes escalões, o saldo é nulo ou positivo.

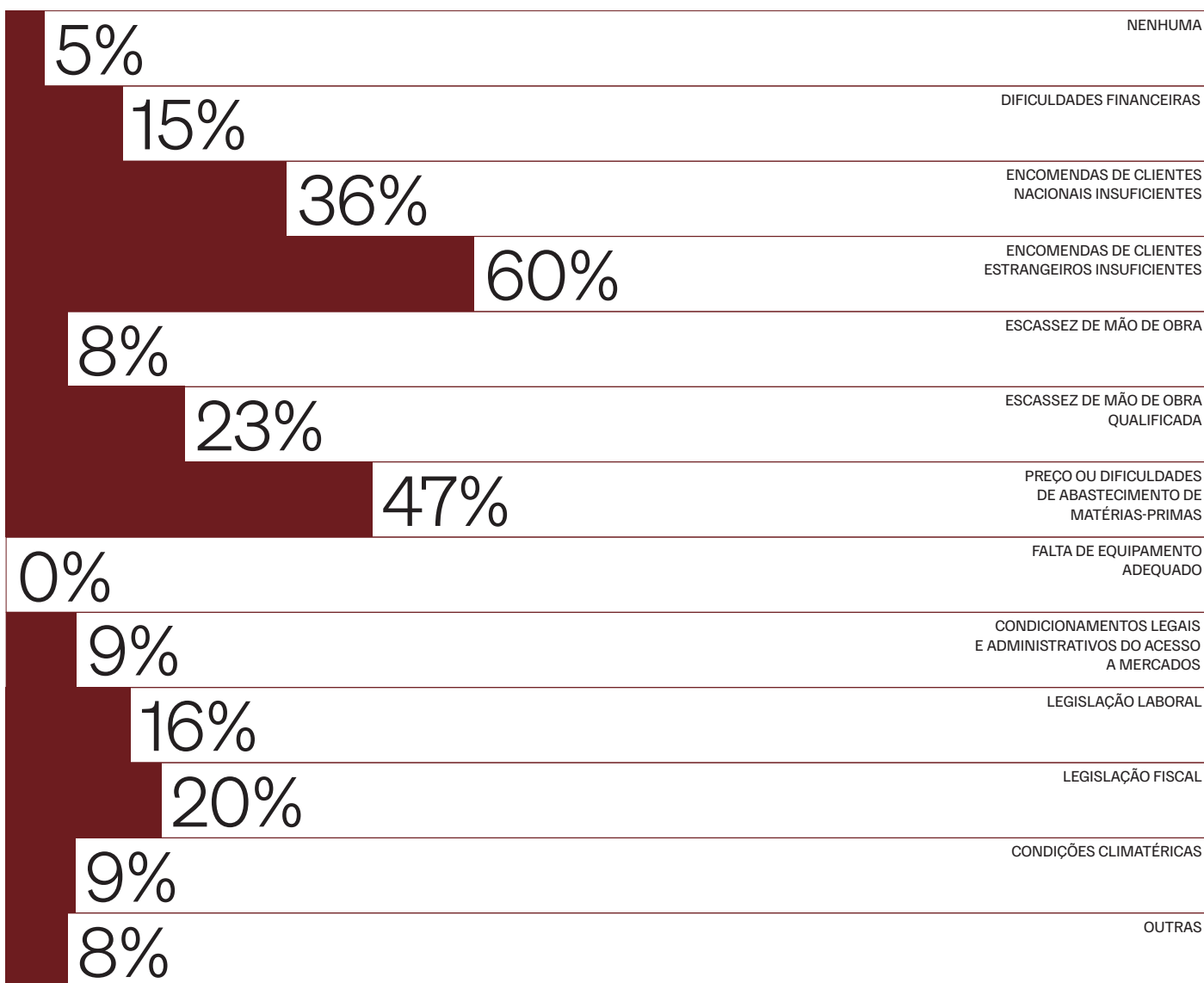
PEQUENAS EMPRESAS	38%	48%	14%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
MÉDIAS EMPRESAS	24%	60%	16%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
GRANDES EMPRESAS	22%	45%	33%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
MUITO GRANDES EMPRESAS	33%	67%	
	SUFICIENTE	BOM	

LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

As referências a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros diminuíram pelo sexto trimestre consecutivo, em consonância com a gradual melhoria da conjuntura. No entanto, este fator continua a liderar as preocupações setoriais, sendo ainda mencionado por 60% dos inquiridos. As empresas de menor dimensão estão particularmente preocupadas com esta questão. A insuficiência de encomendas de clientes nacionais foi também mencionada por menos empresas do que no trimestre anterior (36%), tendo descido para a terceira posição nas preocupações dos inquiridos.

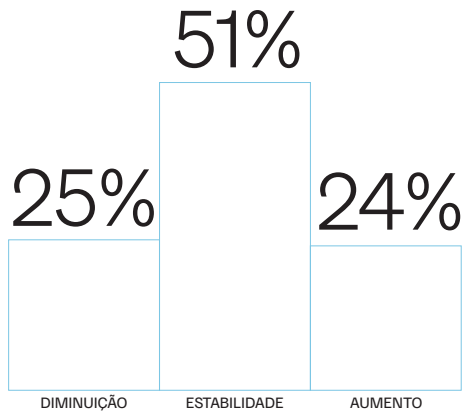
Em sentido contrário, os inquiridos estão agora mais preocupados com o preço e abastecimento das matérias-primas, questão que foi mencionada por 47% das empresas. Também aumentaram as referências à escassez de mão-de-obra qualificada (23%), especialmente entre as empresas de maior dimensão, enquanto as referências a escassez de mão-de-obra, em geral, caíram para 8%.

Nenhuma empresa se referiu a falta de equipamento adequado. Certamente em resultado dos desenvolvimentos recentes na política tarifária da administração Trump, as referências a condicionamentos legais e administrativos no acesso a mercados externos passaram de 1% para 9%. Mas aumentaram também significativamente as referências à legislação laboral (16%) e à legislação fiscal (20%). Apesar de alguns sinais de melhoria da conjuntura, a percentagem de empresas que dizem enfrentar dificuldades financeiras não se alterou (15%) e a das que dizem não enfrentar nenhuma dificuldade caiu para 5%, um valor próximo do seu mínimo histórico.



DIFICULDADES NO TRIMESTRE

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO



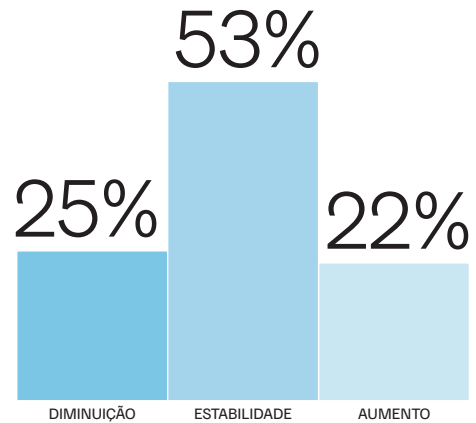
TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

As empresas não preveem uma alteração significativa no seu nível de produção no segundo trimestre do ano: 51% pensam que a produção irá estabilizar e as que acreditam num aumento são em número quase idêntico ao das que receiam uma diminuição (s.r.e. -1 p.p.). Ao contrário do que aconteceu no primeiro trimestre, as empresas de dimensão e orientação de mercado intermédia são as menos otimistas: o saldo de respostas extremas é claramente positivo quer entre as pequenas quer entre as muito grandes empresas, assim como entre as que vendem predominantemente para o mercado nacional e entre as que só exportam.

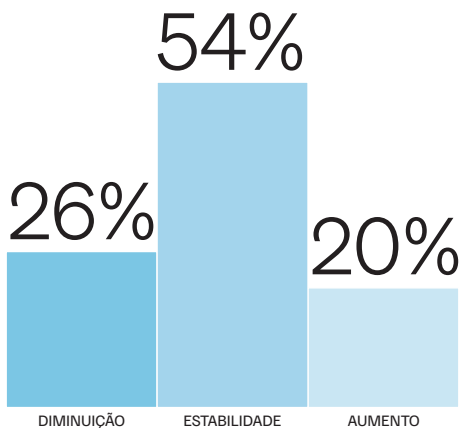
PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

As previsões são semelhantes no que respeita à carteira global de encomendas, com 53% das empresas a acreditarem na sua estabilidade e o saldo de respostas extremas a ser de -3 p.p. Quanto à carteira de encomendas do estrangeiro, a perspetiva dominante é igualmente de estabilidade (+54%), mas o saldo de respostas extremas é mais negativo (-6 p.p.).

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



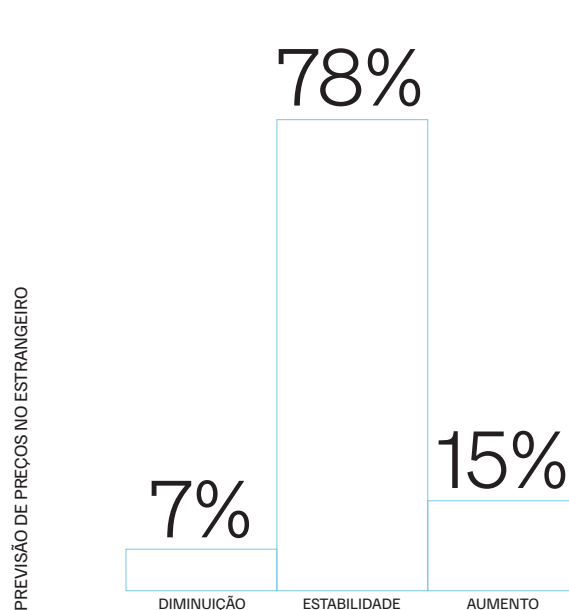
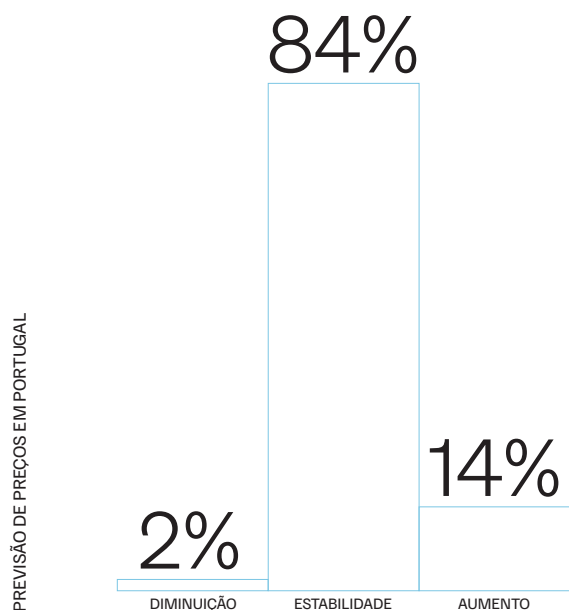
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



PERSPETIVAS DE PREÇOS DE VENDA

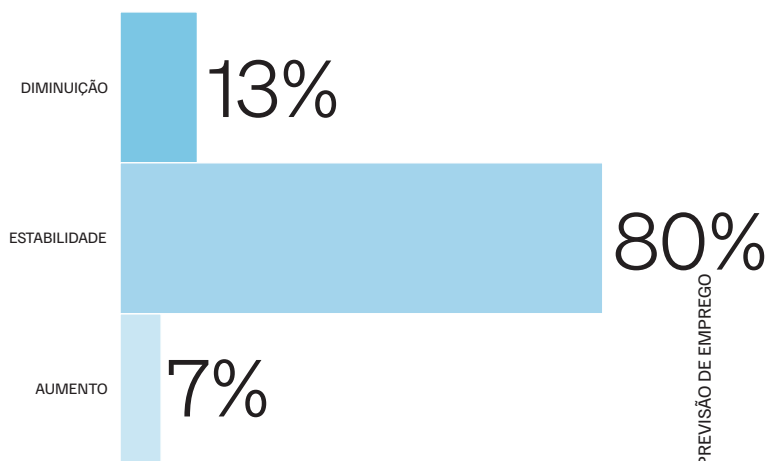
As perspetivas para os preços de venda mantêm-se sensivelmente inalteradas face ao trimestre anterior. A larga maioria das empresas julgam que vão permanecer estáveis (84% no que respeita aos preços em Portugal, 78% quanto aos preços no estrangeiro) mas

as que acreditam num aumento superam as que pensam que irão diminuir: o saldo de respostas extremas é de +12 p.p. para o mercado nacional e +8 p.p. para os mercados internacionais.



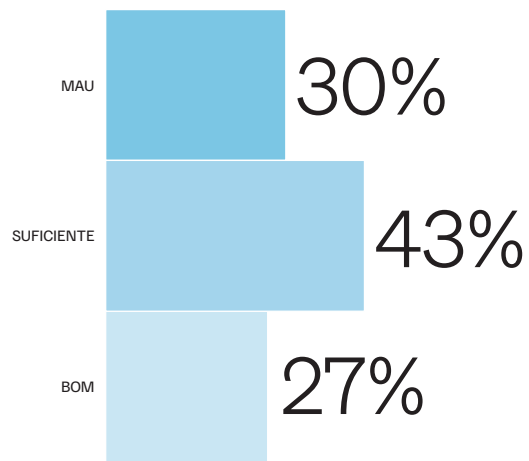
PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

Embora 80% das empresas não prevejam alterar os seus níveis de emprego, as perspetivas nesta matéria são um pouco piores do que no trimestre anterior, uma vez que as empresas que preveem a sua redução excedem em 6 pontos percentuais as que acreditam no seu aumento. Este saldo negativo é determinado sobretudo pelas respostas das empresas com menos de 100 trabalhadores.



PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

Verifica-se uma considerável heterogeneidade nas perspetivas para o estado dos negócios no segundo trimestre de 2025. A previsão mais frequente (43%) é de que será suficiente, mas há 27% de empresas que acreditam que será bom e 30% que julgam que será mau, gerando um saldo de respostas extremas de -3 p.p. Na comparação com o segundo trimestre do ano anterior, a maioria das empresas acredita que será igual (56%), mas o saldo de respostas extremas é mais acentuadamente negativo (-10 p.p.). Há, portanto, uma considerável diversidade de situações conjunturais dentro da indústria.



PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS

As expectativas para o estado dos negócios são tanto melhores quanto maior a dimensão das empresas, com s.r.e. que variam entre -14 p.p. para as pequenas empresas e 67% para as muito grandes. Já no que diz respeito à orientação de mercado, as empresas mais especializadas, seja no mercado nacional, seja na exportação, mostram-se mais otimistas do que as que repartem o seu volume de negócios pelos dois.

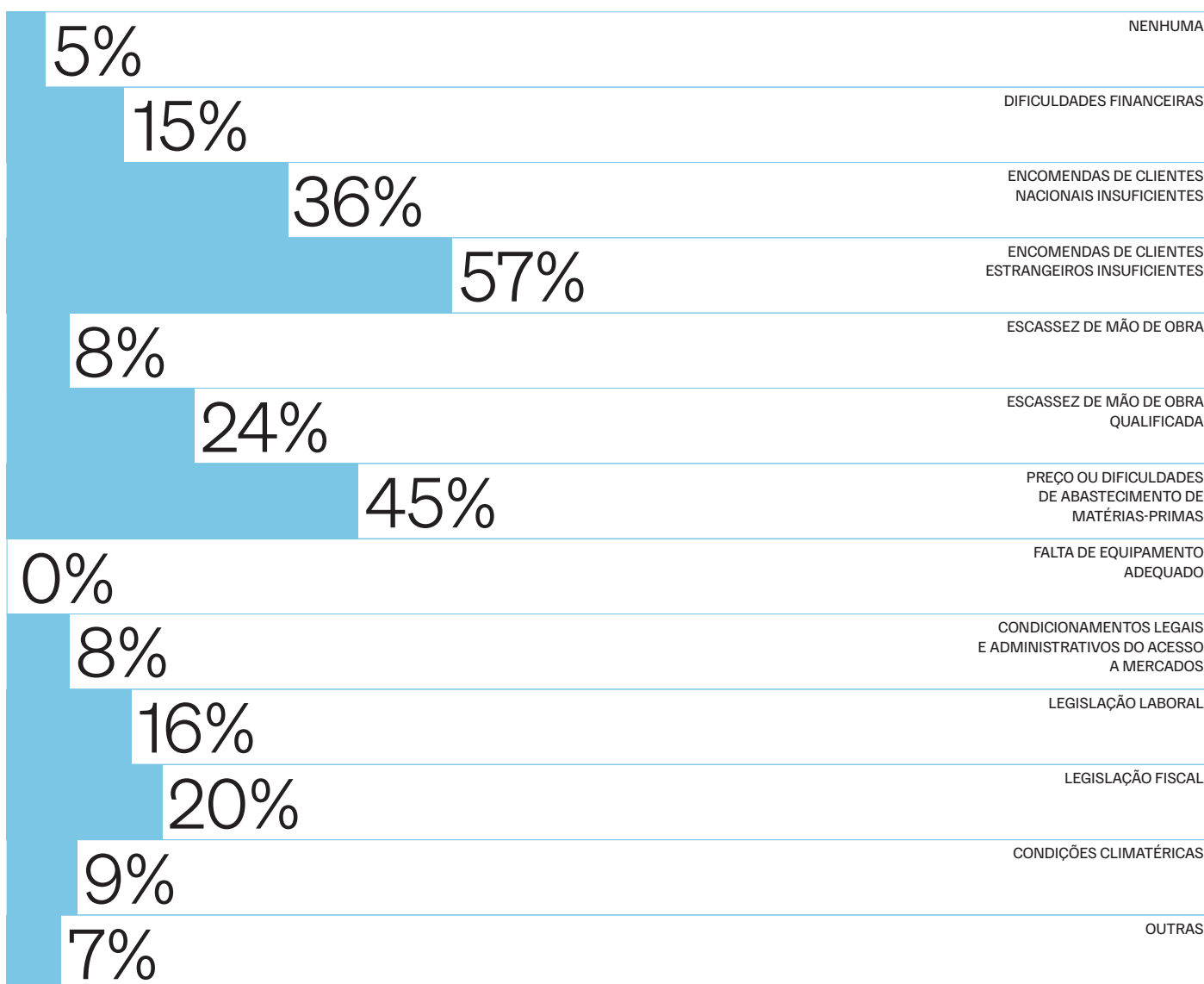
PEQUENAS EMPRESAS	34%	45%	21%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
MÉDIAS EMPRESAS	36%	44%	20%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
GRANDES EMPRESAS	22%	39%	39%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
MUITO GRANDES EMPRESAS	33%	67%	
	SUFICIENTE		BOM

LIMITAÇÕES PREVISITAS

As empresas da indústria do calçado preveem que, no segundo trimestre, a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continue a atenuar-se (57% de referências) mas se mantenha como o seu principal problema. A insuficiência de encomendas de clientes nacionais deve manter-se em níveis semelhantes aos do primeiro trimestre (36%).

As empresas esperam igualmente um ligeiro abrandamento das dificuldades relacionadas com o preço e abastecimento de matérias-primas (45%) e das outras dificuldades não especificadas (7%) e um pequeno aumento das que se prendem com escassez de mão -obra qualificada (+24%).

Em tudo o resto, as dificuldades previstas para o segundo trimestre são idênticas às declaradas quanto ao trimestre transato.



NOTAS DE CONJUNTURA

- O cenário de estabilização da atividade da indústria portuguesa de calçado é compatível com os dados estatísticos do Eurostat que mostram que, no primeiro trimestre, a produção da indústria europeia de calçado diminuiu 0,8% face ao trimestre anterior. Embora os dados não estejam disponíveis para todos os países, o Eurostat aponta para uma diminuição da produção de 2% em Itália e um aumento de 1,1% em Espanha.
- De acordo com a mesma fonte, os preços de calçado no produtor, no conjunto da UE27, terão subido 0,3% no primeiro trimestre, com subidas de 0,4% em Itália e 0,6% em Espanha. Em Portugal, em contrapartida, terão diminuído 0,9%. Face ao trimestre homólogo do ano anterior, a variação terá sido de +1,1% no conjunto da UE27, com +1% em Itália e Espanha, mas uma descida de 0,4% em Portugal.
- De acordo com os dados de comércio internacional já disponíveis, no primeiro trimestre de 2025 alguns dos mercados mais importantes para Portugal aumentaram as suas importações de calçado. Em particular, as importações alemãs de calçado aumentaram 28%. As importações alemãs de Portugal só parcialmente acompanharam esta tendência, com um crescimento de 11%. As importações francesas também cresceram, embora apenas 8%. Nesse caso, as importações de Portugal cresceram mais rapidamente, 12%, permitindo um ganho de quota de mercado. As importações espanholas aumentaram 9%, mas Portugal não beneficiou dessa tendência, tendo as importações do nosso país caído 1%. Quando avaliadas em euros, as importações dos EUA aumentaram 2%, tendo as provenientes de Portugal crescido a um ritmo superior, 7%. Noutros mercados relevantes, como os Países Baixos, o Reino Unido e a Itália a evolução global das importações de calçado foi negativa e assim aconteceu também com as importações provenientes do nosso país.
- As previsões para a evolução da economia portuguesa no corrente ano emitidas nos últimos três meses por diversas instituições apontam para um crescimento do PIB da ordem dos 2%, variando entre os 1,8% previstos pela Comissão Europeia em maio e os 2,4% estimados pelo Ministério das Finanças em abril. As previsões mais recentes são, em geral, menos otimistas, em grande medida por preverem um menor crescimento das exportações, em grande parte explicado pela incerteza e perturbação introduzida pela política tarifária da administração americana.
- A este propósito, a OCDE afirma no seu mais recente Economic Outlook: “Nos últimos meses, observámos um aumento significativo das barreiras comerciais, bem como da incerteza em torno da política económica e comercial. Este forte aumento da incerteza afetou negativamente a confiança das empresas e dos consumidores e tende a travar o comércio e o investimento.
- Neste ambiente desafiador e incerto, reduzimos as nossas projeções de crescimento. Agora prevemos que o crescimento global diminuirá de 3,3% em 2024 para uns modestos 2,9% em 2025 e 2026. As perspetivas económicas enfraquecidas serão sentidas em todo o mundo, quase sem nenhuma exceção. O menor crescimento e a redução do comércio irão afetar rendimentos e desacelerar a criação de empregos.”
- Neste contexto, a OCDE prevê agora que a economia da União Europeia cresça apenas 1% em 2025. Com particular relevância para a indústria portuguesa de calçado, as economias alemã e francesa deverão crescer uns meros 0,4% e 0,6%, respetivamente. Entre os principais mercados do calçado português, a Espanha, com um crescimento previsto de 2,4%, é o que oferece perspetivas macroeconómicas mais animadoras. Os Países Baixos e o Reino Unido deverão ambos crescer 1,3% e os EUA 1,6%. Mas a OCDE alerta que:
 - *“Há riscos substanciais associados a estas projeções, uma vez que a dimensão e a duração da esperada desaceleração económica permanecem altamente incertas. Aumentos adicionais ou mudanças abruptas nas barreiras comerciais, incluindo medidas de retaliação, comportamento mais cauteloso por parte dos consumidores e das empresas, ou uma reavaliação contínua dos riscos nos mercados financeiros poderão agravar ainda mais a desaceleração do crescimento e provocar perturbações significativas em cadeias de abastecimento transfronteiriças altamente interligadas.”*

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos



Cofinanciado pela
União Europeia